

A CORPORALIDADE COMO SABER SISTEMATIZADO NA ESCOLA: O QUE DIZEM OS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ARTE?*

Daiana Priscila da Silva

daiana.silva@usp.br

Mônica Caldas Ehrenberg

monica.ce@usp.br

Universidade de São Paulo (USP)

RESUMO

Entendendo que as disciplinas Educação Física e Arte atentam-se à construção da corporalidade de forma intencional e sistematizada, esse estudo tem por objetivo identificar quais discursos sobre tal saber circulam pelas escolas, tendo como metodologia a pesquisa narrativa. Concluímos que os discursos sobre corporalidade estão vinculados às práticas corporais. Assim, esperamos contribuir para o diálogo sobre o corpo como lugar de subjetividade e representação dos sujeitos no e com o mundo.

PALAVRAS-CHAVE

Corporalidade; Educação Física; Arte

INTRODUÇÃO

A escola, espaço de cultura e relações sociais, lugar de tradição e reinvenção de cotidianos, discursos e possibilidades, é ambiente vivo de descobertas para todos os sujeitos que ali convivem. A presença desses sujeitos no mundo se dá pelo corpo e, portanto, falar dos processos de construção das identidades e subjetividades dos sujeitos é, também, falar do lugar que o corpo ocupa nas trajetórias escolares.

* O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.



Nesse diálogo entre corpo e escola, partindo do pressuposto da importância da corporalidade como saber estruturado pedagogicamente nos currículos escolares, entendemos o corpo como revelador de signos da sociedade e de corporalidade como manifestação construída e construtora da cultura.

Historicamente, a escola disciplina corpos, a fim de torná-los dóceis, controlados, conhecidos (FOUCAULT, 1999). Na escola, as ações sistematizadas caminham no sentido de valorizar um certo conhecimento cognitivo em detrimento ao olhar para o desenvolvimento da corporalidade, que não só é negligenciada, como também é negada. Para Nóbrega (2005, p. 610) “não se trata de incluir o corpo na educação. O corpo já está incluído na educação. Pensar o lugar do corpo na educação significa evidenciar o desafio de nos percebermos como seres corporais”.

Para nos entendermos como seres corporais é preciso uma agenda do corpo na educação, que não deveria ser da responsabilidade de nenhum componente curricular em específico, mas de toda a escola, que deveria problematizá-la em relação ao tempo e espaço, onde o corpo é olhado a partir de seus desejos, potências, fragilidades e subjetividades; e tudo isso reverbera como ato educativo, sistematizado e intencional.

O objetivo desta pesquisa é identificar quais discursos sobre corporalidade circulam nas escolas, através dos discursos de professores dos componentes curriculares Educação Física e de Arte, pois entendemos que as duas disciplinas sistematizam intencionalmente conhecimentos sobre o corpo.

Nas múltiplas possibilidades de correlacionar os conceitos que serão colocados, é possível olhar para o lugar da corporalidade, e como através dela se dá todo nosso contato e reconhecimento do mundo.

A CORPORALIDADE

Partimos do entendimento de corpo e cultura como conceitos atrelados, superado pela falsa dicotomia cultura/natureza. Em ruptura com a perspectiva apenas instrumental e biológica do corpo, compartilhamos com Greiner (2005, p.42) o seguinte posicionamento:

[...] não se cabe mais distinguir como instâncias separadas e independentes, um corpo biológico e um corpo cultural. O corpo anatômico e o corpo vivo atuando no mundo tornam-se inseparáveis. Pode-se optar, evidentemente, por níveis de descrição. Falar em co-evolução significa dizer que não é apenas o ambiente que constrói o corpo, nem tampouco o corpo que constrói o ambiente. Ambos são ativos o tempo todo.

Le Breton (2013) defende a ideia de que em todas as sociedades humanas, o corpo é uma estrutura simbólica. Sendo assim, é o próprio sujeito que significa a sua existência, que se dá “no” e “através do” corpo, que é a expressão da nossa existência no mundo. O autor (2013, p.26) afirma: “O corpo é hoje um desafio político importante, é o analista fundamental de nossas sociedades contemporâneas”. Esse entendimento resvala na perspectiva de corpo como recorte de leitura da sociedade que somos.

Portanto, falar sobre corporalidade é entendê-la como um termo imbuído de significados político e social. Entendemos o termo corporalidade como máxima expressão da experiência humana no mundo, fundamentado no diálogo entre corpo e mundo sócio-histórico-cultural como centro da experiência humana (FLORES-PEREIRA, 2017).

Estabelecendo esse diálogo, nos apoiamos em Silva (2014, p.16) para o entendimento desse conceito:

A corporalidade pode ser compreendida como a materialidade corpórea em sua forma dinâmica de expressão humana, ao mesmo tempo, única, individual, ainda que em alguma medida, seja compartilhada por todos. Com essa compreensão observamos que é um conceito que se encontra carregado de intencionalidade como toda ação humana o é, em sua dimensão política. Tem, portanto, um conteúdo de denúncia e de anúncio (...). A corporalidade parece reunir, tanto numa perspectiva epistemológica quanto na atuação profissional com as práticas corporais, as percepções de corpo, movimento e ambiente de uma maneira substantiva.



Quando perguntado sobre o objetivo da sua disciplina na escola, percebemos o entendimento da sistematização de conhecimentos acerca da corporalidade através do trabalho das práticas corporais:

Fazer as pessoas conhecerem as culturas e conhecerem as possibilidades que o corpo pode vivenciar nesse mundo. Despertar interesse em alguma prática corporal. Práticas corporais envolvem as práticas do corpo relacionadas a uma cultura de movimento. (Rafael)

O objetivo que é mais importante: o vir a ser. Então a arte permite esse vir a ser. Quando eu pego um suporte como o corpo, eu posso projetar ideias. Eu posso fazer hoje o rio Tietê ficar limpo. A arte permite isso. (Paloma)

Segundo Silva (2014, p. 18), as práticas corporais são:

Fenômenos que se mostram, prioritariamente, ao nível corporal, constituindo-se em manifestações culturais(...). São constituintes da corporalidade humana e podem ser compreendidos como forma de linguagem com profundo enraizamento corporal que, por vezes, escapam ao domínio do consciente e da racionalização, o que lhes permitem uma qualidade de experiência muito diferenciada de outras atividades cotidianas.

Nóbrega (2005, p.610), combate a ideia de instrumentalização do corpo nas disciplinas supracitadas:

Pensar o lugar do corpo na educação é compreender que o corpo não é um instrumento das práticas educativas, portanto as produções humanas são possíveis pelo fato de sermos corpo. Ler, escrever, contar, narrar, dançar, jogar são produções do sujeito humano que é corpo. O desafio está em considerar que o corpo não é instrumento para as aulas de Educação Física ou de Artes.

As narrativas trazidas pelos professores constroem retratos de suas realidades, tão singulares quanto universais. Como diz Goellner (2003), “um corpo não é apenas um corpo...é também o que se diz dele”. Todos os professores consideram o corpo em suas perspectivas de análise. Dessa forma, entendemos que o trabalho da corporalidade está entre os objetivos que cada professor enxerga nas suas disciplinas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola como espaço de humanização das relações sociais, mais do que reconhecer na corporalidade a possibilidade de encontro entre os sujeitos escolares consigo, com o outro e com o mundo, deveria reconhecê-la como condição fundamental para que essas relações alcancem a qualidade de experiência sensível que tanto buscamos para ler e reler nossos mundos.

Portanto, identificar quais discursos sobre corporalidade circulam nas escolas é tão importante. É o poder do discurso, como Foucault (1999) sempre nos lembra: o discurso fabrica os objetos sobre os quais se fala, transformando-os em regimes de verdade. Isso é determinante para se entender que visões de mundo terão os professores, como organizarão suas aulas e, portanto, como formarão nossos alunos e alunas enquanto sujeitos sociais.

Os discursos que construímos sobre o corpo anunciam as narrativas as quais fomos submetidos ao longo de nossa trajetória e denunciam perspectivas sobre o nosso entendimento de corporalidade. Assim, é imprescindível contestar os discursos sobre corporalidade que circulam, de modo a ampliar o debate sobre o lugar do corpo na escola. Esse trabalho espera contribuir para o diálogo de um tema tão latente na contemporaneidade: o corpo como lugar de subjetividade e representação dos sujeitos no/ com o mundo.



CORPORALITY AS SYSTEMATIZED KNOWLEDGE IN SCHOOL: WHAT DO PHYSICAL EDUCATION AND ART TEACHERS SAY?

ABSTRACT

Understanding that the disciplines Physical Education and Art are aimed at the construction of corporality in an intentional and systematized manner, this study aims to identify which discourses on such knowledge circulate in schools, using narrative research methodology. We conclude that discourses about corporality are linked to bodily practices. Thus, we expect to contribute to the dialogue about the body as a place of subjectivity and representation of the individuals in and with the world.

KEYWORDS: *Corporality; Physical Education (PE); Art.*

LA CORPORALIDAD COMO SABER SISTEMATIZADO EN LA ESCUELA: ¿QUÉ DICEN LOS PROFESORES DE EDUCACIÓN FÍSICA Y ARTE?

RESUMEN

Comprendiendo que las disciplinas Educación Física y Arte buscan a la construcción de la corporalidad de forma intencional y sistematizada, este estudio tiene por objetivo identificar qué discursos sobre tal saber circulan por las escuelas, teniendo como metodología la investigación narrativa. Concluimos que tales discursos están vinculados a las prácticas corporales. Así, esperamos contribuir al diálogo sobre el cuerpo como lugar de subjetividad y representación de los sujetos con el mundo.

PALABRAS CLAVES: *Corporalidad; Educación Física; Arte.*

REFERÊNCIAS

- CLANDININ, D. J. CONELLY, F. M. *Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa*. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- FLORES-PEREIRA, M. T. DAVEL, E.; ALMEIDA, D. D. *Desafios da corporalidade na pesquisa acadêmica*. Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 194-208, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512017000200194&lng=en&nrm=iso . Acessado em: 07/03/2019.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: Nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- GOELLNER, S. V. A produção cultural do corpo. In LOURO, G. L. NECKEL, J. F. GOELLNER, S. V. *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- GREINER, C. *O Corpo: pistas para estudos indisciplinados*. São Paulo: Annablume, 2005.
- LE BRETON, D. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. Campinas, SP: Papius, 2013.
- NÓBREGA, T. P. *Qual o lugar do corpo na educação? Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo*. In Revista Educação & Sociedade; vol. 26, n. 91. Campinas, maio – ago., 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a15v2691.pdf> Acessado em: 07/03/2019.
- SILVA, A. M. *Entre o corpo e as práticas corporais*. Rev. ARQUIVOS em MOVIMENTO, Rio de Janeiro, Edição Especial, v.10, n.1, jan. / jun. 2014. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/9228/pdf_30. Acessado em: 30/03/2019.

